

**As estratégias argumentativas utilizadas em textos de opinião produzidos por
candidatos ao Programa de Ação Afirmativa de Ingresso no Ensino Superior – PAAES –
da Universidade Federal de Uberlândia¹**

Daniela Midori Oda Faria²

RESUMO: Esta pesquisa analisou como é manifestada a opinião e a argumentação em textos opinativos produzidos por alunos do ensino médio que participaram do Programa de Ação Afirmativa de Ingresso no Ensino Superior (2011-2014), processo seletivo da Universidade Federal de Uberlândia. O *corpus* utilizado para tal verificação foi constituído por 50 textos opinativos produzidos pelos alunos na ocasião do processo seletivo. Verificamos quais estratégias argumentativas são acionadas e se os estudantes utilizam de forma eficiente esses recursos (KOCH, 2003; GUIMARÃES, 1987). Percebemos que os candidatos utilizam com maior frequência os seguintes operadores argumentativos: *mas, também, pois, e, já, ainda, ou, como, porque* que acrescentam argumentos a algo que se disse antes em favor de uma mesma conclusão e introduzem argumentos em oposição. Já os menos acionados são os operadores que enfatizam um argumento mais forte em favor de uma conclusão.

Palavras-chave: Argumentação. Gêneros discursivos. Texto de opinião.

ABSTRACT: This research has analyzed the way opinion and arguments are presented in texts of opinion, written by high school students who took part in the entrance exam of the Federal University of Uberlandia. In order to carry out this investigation, a corpus was compiled with 50 texts of opinion, which were written by the students while they were sitting the aforementioned entrance exam. There has been identified the argumentative strategies deployed by the students, as well as the effective use of such devices by them (KOCH, 2003; GUIMARÃES, 1987). Thus, there has been verified that the candidates used with greater frequency the following argumentative devices: *but, also, thus, and, yet, already, or, like, because*. Such devices are used to add more arguments to support the same conclusion, as well as to introduce counter-arguments. The least used devices were the ones that emphasize a stronger argument to support a conclusion.

Keywords: Argumentation. Discursive genres. Texts of opinion

1 INTRODUÇÃO

Em vista da importância dos gêneros discursivos para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, principalmente no que se relaciona à leitura e à

¹ Esta pesquisa é resultado final de iniciação científica financiada pelo CNPq e foi realizada na Universidade Federal de Uberlândia/MG sob a orientação da professora doutora Elisete Maria de Carvalho Mesquita.

² Graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia/MG. E-mail: dani_elamidori@hotmail.com

produção de textos e, partindo dos diversos estudos feitos sobre os gêneros, esta pesquisa analisou o texto de opinião sob o aspecto da formação da opinião do autor, neste caso, de alunos do ensino médio que participaram do Programa de Ação Afirmativa de Ingresso no Ensino Superior (PAAES), processo seletivo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

O estudo apoiou-se nos pressupostos teóricos de Schneuwly e Dolz (2004), Koch (2000, 2003, 2008), Travaglia (1991, 1997), Bronckart (2003), Marcuschi (2002), Mesquita (2003, 2011), que se interessam pelos estudos dos gêneros textuais, da argumentação, do texto de opinião, dentre outros. A pesquisa foi desenvolvida a partir da coleta e análise de 200 textos de opinião produzidos por alunos/candidatos a uma vaga universitária, por meio do PAAES (2011-2014) e durante a nossa análise, algumas questões foram investigadas, tais como: a) como os alunos manifestam suas opiniões nos textos opinativos? b) quais recursos argumentativos e coesivos eles utilizam? c) quais recursos utilizados são eficientes se considerarmos as funções dos operadores argumentativos trazidos por Koch (2003) e Guimarães (1987)? d) quais recursos utilizados são ineficientes se considerarmos as funções dos operadores argumentativos trazidos por Koch (2003) e Guimarães (1987)?

A partir dessas questões, fizemos um levantamento quantitativo de todos os recursos utilizados e depois identificamos o papel que os operadores cumprem nos textos, para mostrar, por meio de recortes dos textos, que a linguagem dos textos opinativos tem aspectos que objetivam destacar ideias a fim de ter a adesão do leitor. Por fim, apresentamos uma discussão sobre os resultados com o objetivo de reunir as considerações mais relevantes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A ARGUMENTAÇÃO NA LINGUAGEM

A argumentação, segundo Pereira (2006, p. 37), “busca convencer, influenciar, persuadir alguém; defende um ponto de vista sobre determinado ponto assunto. Consiste no emprego de provas, justificativas a fim de apoiar ou rechaçar uma opinião”, ou seja, é preciso ter uma opinião, uma ideia que possa ser defendida. Conforme Perelmam e Olbrechts-Tyteca (2002), num primeiro momento, o locutor deve selecionar e apresentar os dados e, posteriormente, deve utilizar técnicas e estratégias argumentativas para a argumentação. Essa divisão serve apenas como um auxílio metodológico, uma vez que ambas as fases são importantes. Cabe acrescentar também que, como esses mesmos autores defendem, “a

argumentação é uma ação que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistente” (OLBRECHTS-TYTECA; PERELMAN 2002, p. 61).

Percebemos que o homem, ser que vive em sociedade, precisa se relacionar e a linguagem – fundamentalmente argumentativa – se mostra como ferramenta que cumpre essa função de interação social. Assim, ao usar a língua, a ação do indivíduo não é “tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor)” (TRAVAGLIA, 1996, p. 7). Desse modo, o papel da linguagem vai além do ato de informar ou comunicar, uma vez que também possui a função de persuadir e convencer.

Neste processo de interação social, caracterizado pela argumentatividade, o falante sempre irá introduzir explicações, justificativas, apontamentos e comentários com a finalidade de estabelecer sua opinião e persuadir seu interlocutor. Exemplos simples da presença da argumentação na linguagem no dia a dia dos falantes são as campanhas eleitorais e comerciais de TV, rádio, etc.

Com o uso da linguagem, “o homem se apropria da língua” (KOCH, 2008, p. 19) e a partir dessa apropriação, o homem conecta suas ideias e as unidades linguísticas para formar um enunciado que atenda a sua necessidade de interação em sociedade. Além dessa característica de interação, a linguagem também pode ser concebida como a representação do mundo e do pensamento e como meio de comunicação (KOCH, 2003).

Considerando a riqueza de possibilidades de análise da argumentação, nesta pesquisa, objetivamos perceber a força argumentativa de elementos de conexão textual, uma vez que a argumentação também orienta a organização e continuidade do texto, podendo “ser considerada como importante elemento coesivo” (KOCH, 2008, p. 157), mas cabe ressaltar que nem toda conjunção, por exemplo, funciona como operador argumentativo, pois algumas podem ter apenas função conectora. A fim de conhecer brevemente as diversas marcas linguísticas da argumentação, citaremos o que propôs Koch (2008, p. 33, grifos da autora) como sendo elementos desse tipo de discurso:

1. as **pressuposições**;
2. as marcas das **intenções**, explícitas ou veladas, que o texto veicula;
3. os modalizadores que revelam sua **atitude** perante o enunciado que produz (através de certos advérbios, dos tempos e modos verbais, de expressões do tipo: “é claro”, “é provável”, “é certo” etc.);
4. **os operadores argumentativos**, responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os em textos e determinando a sua orientação discursiva;
5. **as imagens recíprocas** que se estabelecem entre os interlocutores e as máscaras por eles assumidas no jogo de representações ou, como diz Carlos Vogt, nas pequenas cenas dramáticas que constituem os atos de fala. (KOCH, 2008, p. 33).

Ainda segundo Koch (2008), os enunciados que se relacionam para formar um texto podem ser divididos em lógicos e discursivos. As relações lógicas são estabelecidas por conectores do tipo lógico que equivalem às relações de conjunção, disjunção, equivalência, implicação, bicondicionalidade (que incluem as relações de causalidade, alternância, temporalidade, contraditoriedade, condicionalidade), etc., ou seja, mostram a relação que é estabelecida com conteúdo em um enunciado. Já as relações discursivas dizem respeito às intenções do falante, isto é, aos fatores implícitos (atitude, pressupostos, imagens) que aparecem no texto com a finalidade de produzir determinados efeitos discursivos.

A partir desse segundo tipo de relação é que surge a argumentação, que pode ser percebida a partir de diversos expedientes e/ou recursos linguístico-gramaticais, como o uso de explicações, justificativas, razões, modalizadores que poderão resultar na persuasão do leitor.³

Dessa forma, os operadores argumentativos, segundo Koch (2003, 2008), são elementos da gramática que possuem o papel de mostrar a força argumentativa dos enunciados ou morfemas relacionais (mas, porém, embora, já que, etc.) e palavras denotativas (até, mesmo também, só, somente, afinal, então, etc.) designadas apenas como morfemas gramaticais e lexicais, ou seja, são termos que encadeiam enunciados.

Vejamos os exemplos que Koch (2008, p. 103) apresenta: a) *Pedro é um político ambicioso. Ele quer ser pelo menos prefeito.* b) *Pedro é um político ambicioso. Ele quer ser até presidente.* Nesses dois casos, *pelo menos* e *até* orientam para uma gradação na conclusão, ou seja, pertencem a uma mesma escala argumentativa. Já na frase, trazida por Ducrot (1981, p. 180), “A reunião foi um sucesso. Pedro veio e Paulo veio”, temos uma classe argumentativa, pois se entende que, a partir dos enunciados, pode-se concluir que por causa da presença de Pedro e de Paulo, a reunião foi um sucesso.

Cumprir dizer que esses recursos argumentativos são classificados pela gramática normativa como conjunções. Essa classe, segundo as principais gramáticas normativas de língua portuguesa, como Cunha e Cintra (2001), Bechara (2009), diz respeito a unidades que ligam as orações umas às outras num mesmo enunciado e podem ser classificadas como coordenadas e subordinadas (BECHARA, 2009). As primeiras unem as orações que “pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* e, por isso mesmo, podem

³ Interessam-nos somente as estratégias relacionadas ao uso dos elementos de conexão textual responsáveis pela introdução e direcionamento de argumentos.

aparecer em enunciados separados” (idem, p. 319, grifo do autor). As segundas assinalam as funções sintáticas que as orações podem exercer.

De acordo com Mesquita (2003), existem, para as gramáticas normativas, algumas indefinições quanto ao uso de termos como conjunção e a preposição e o advérbio, por exemplo,

há traços bastante específicos que caracterizam e, por isso mesmo, individualizam cada uma das classes gramaticais, por mais parecida que uma seja com a outra. Tanto é verdade que não são todos os itens lingüísticos representativos das classes gramaticais que geram grandes indecisões e/dúvidas quanto à sua classificação. (MESQUITA, 2003, p. 62).

Segundo Guimarães (1987, p. 35), o que as gramáticas trazem sobre as conjunções é de fato verdade, mas elas também possuem “outras funções, seguramente tanto e até mesmo mais significativas”, ou seja, possuem outros papéis além das sintáticas, assim, para entendermos as conjunções devemos considerar também os aspectos semânticos e os pragmáticos implicados nas situações comunicativas, portanto, elas podem ser utilizadas também como recurso argumentativo.

Acreditamos que com o uso explícito de operadores argumentativos a argumentação pode ser mais consistente resultando, assim, em uma maior persuasão do leitor. Dessa forma, analisar a argumentação, para este estudo, envolve perceber os recursos utilizados para sustentar essa argumentação e o modo como a opinião é formada.

2.2 A CONTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS DE CONEXÃO TEXTUAL PARA A ARGUMENTAÇÃO

Uma vez que temos o propósito de analisar os operadores argumentativos utilizados em produções textuais de candidatos a uma vaga universitária, por meio do PAAES, acreditamos ser relevante ressaltar a definição de **texto**. Segundo Koch e Travaglia (2001), o texto não é apenas uma extensão de frases e orações, mas uma unidade que possui sentido. Desse modo, o texto, de acordo com Travaglia (1997), deve ser

entendido como uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão. (TRAVAGLIA, 1997, p. 67).

Bernárdez (1982, *apud* KOCH e TRAVAGLIA, 2001) apresenta alguns aspectos importantes que devem ser levados em consideração ao se construir um texto: o caráter

comunicativo, o caráter pragmático e o caráter estruturado. O primeiro diz respeito ao texto como atividade, o segundo se refere ao propósito do falante e o contexto em que está inserido e, por último, o texto e as regras próprias que o constituem.

Já segundo Bronckart (2003), o texto possui uma estrutura interna chamada “folhado textual”, composta por: infraestrutura global do texto (plano geral do texto, tipos de discurso, sequências), mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e verbal) e mecanismos de responsabilização enunciativa (modalização e vozes do texto).⁴

Beaugrande (1997, p. 80, *apud* MARCUSCHI, 2008) afirma que o texto não é somente uma sequência de palavras ou frases, mas um evento: “é essencial tomarmos o texto como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”. Assim, ao construir um texto, tanto o produtor do texto quanto o seu interpretador são “‘estrategistas’, na medida em que, ao jogarem o ‘jogo da linguagem’, mobilizam uma série de estratégias – de ordem sociocognitiva, interacional e textual – com vistas à produção de sentido” (KOCH, 2009, p. 19).

A partir dessas considerações sobre o texto, ratificamos que nos interessa, nesta pesquisa, o uso de elementos de conexão textual que contribuem para a argumentação, uma vez que esses elementos são responsáveis pela estruturação do texto e também pelo estabelecimento do sentido que direciona a argumentatividade.

Portanto, se toda língua é constituída por mecanismos que organizam os textos e que introduzem uma orientação argumentativa, é importante ressaltar tanto o papel que cada operador argumentativo cumpre quanto sua função conectora. Isso pode contribuir para que o usuário da língua se conscientize do valor argumentativo desses elementos, como dissemos no tópico anterior, e utilize-os “com eficácia, no seu próprio discurso” (KOCH, 2008, p. 108).

QUADRO 1 – Operadores argumentativos e suas funções

Operadores argumentativos	Função
Não só... mas (também), e, também, ainda, nem, tanto... como, além disso	Acrescentam argumentos a algo que se disse antes em favor de uma mesma conclusão, tanto para acentuar elementos de mesma força argumentativa quanto de argumentos de maior importância.
Até, mesmo, inclusive, pelo menos	Articulam argumentos de mesma escala argumentativa e assinalam o argumento mais forte.

⁴ Os elementos de conexão textual que serão analisados nesta pesquisa se encaixam no elemento “mecanismo de textualização”. Esse mecanismo, além de incluir as conjunções que organizam o texto, também possui: advérbios, locuções adverbiais, anáforas nominais e pronominais.

Pois, portanto, então, enfim, assim	Acrescentam uma conclusão do que foi apresentado; estabelecem uma progressão textual.
Tão... como, mais que, menos que	Estabelecem relação de comparação em favor da conclusão.
Ou, ou então, seja... seja	Introduzem argumentos alternativos orientados para conclusões diferentes ou opostas.
Mas (porém, contudo, todavia, entretanto) embora (ainda que, mesmo que)	Introduzem argumentos em oposição.
Já, ainda, agora	Acrescentam conteúdos pressupostos.
Um pouco, quase, apenas	Orientam para a negação, restrição, exclusão.
Isto é, ou seja, quer dizer	Enfatizam um argumento mais forte em favor de uma conclusão.
Porque, já que, pois	Introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior.

Fonte: Adaptado de Koch (2003) e Guimarães (1987).

De acordo com o Quadro 1, observamos que existem diversos recursos linguísticos que, por cumprirem diferentes funções, podem ser utilizados para estabelecermos relações argumentativas. A partir deste contato com os operadores argumentativos, é importante ressaltar que o homem, ao produzir seu discurso, poderá utilizar esses recursos que determinarão a força e o valor de seu argumento.

Considerando o fato de que a linguagem não é um fenômeno simples, nos coube estudar essas estratégias discursivas, ou seja, as que o produtor do texto de opinião utiliza para persuadir seu leitor. Assim, considerando que a linguagem traz em si as marcas da argumentatividade e observando o comportamento dos operadores argumentativos teremos como resultado uma maior precepção da opinião colocada pelo produtor dos textos a serem analisados.

2.3 O TEXTO DE OPINIÃO

O texto de opinião, conforme Bräkling (2002, p. 226), pode ser definido como

um gênero discursivo em que busca convencer o outro de uma determinada idéia, influenciá-lo, transformar seus valores por meio de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes. É um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações realizadas, por meio de dados consistentes, que possam convencer o interlocutor.

Seguindo a proposta de agrupamento de Schneuwly e Dolz (2004, p. 61), podemos dizer que o texto opinativo está inserido na ordem do argumentar, uma vez que há a “discussão de problemas sociais controversos” e para isso é colocado, por parte do produtor,

sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição. Além da ordem do argumentar, esses autores também propõem outros agrupamentos, a saber: gêneros da ordem do narrar, do relatar, do expor, do instruir e do descrever ações.

Segundo Baltar (2007), um gênero que pertence à ordem do argumentar

cria em seu interlocutor, um efeito de sentido que o faça aderir ou refutar uma tese exposta, ou seja, um ato verbal ou locutor, deixa então, pistas da opção retórica de organização de seu texto, lançando mão de operadores lógicos da argumentação, apresentado a tese de forma que as proposições mais impactantes tenham relevo sobre as menos impactante, conduzindo o seu interlocutor para uma conclusão lógica derivada dos argumentos apresentados como verdades a serem por ele validadas. (BALTAR, 2007, p. 157).

O texto opinativo é também um gênero discursivo do tipo argumentativo “*stricto sensu*” que, segundo Travaglia (1991), possui como característica a presença de expedientes linguísticos que introduzem a argumentação, o que resulta na persuasão por parte daquele que o produz. Já no tipo “*não stricto sensu*” não há o uso desses recursos.

Tanto o tipo argumentativo *stricto sensu* quanto o *não stricto sensu* são estabelecidos pelo modo como o produtor percebe o seu receptor: como alguém que discorda ou concorda de suas ideias. Sendo assim, o tipo argumentativo *stricto sensu* é acionado quando o produtor considera o receptor como aquele que irá discordar de sua opinião e, por isso, necessita de recursos linguísticos para persuadi-lo, e o *não stricto sensu* é utilizado quando o receptor é visto pelo produtor como alguém que concorda com sua ideia.

Por se enquadrar no tipo argumentativo “*stricto sensu*”, o texto opinativo possui, então, uma determinada estrutura formal para que seja cumprida a função de persuadir o interlocutor. Essa estrutura diz respeito à dimensão esquemática global (ou superestrutura) que organiza o texto de acordo com regras. A organização da superestrutura argumentativa possui: argumentação, justificativa, conclusão (VAN DIJK, 1983 *apud* MESQUITA e BORGES, 2011).

De acordo com Köche *et al* (2010, p. 44), a tipologia textual que constitui o texto de opinião é a dissertativa, ou seja, cada parágrafo colocado pelo autor será um argumento visando uma conclusão: “o autor coloca-se no lugar do leitor e antevê suas posições para poder refutá-las. Ou seja, ele justifica suas afirmações, tendo em vista possíveis questões ou conclusões contrárias, suscitada pelo destinatário.” .

Além disso, em um texto argumentativo, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 18),

implica sempre certa modéstia da parte de quem argumenta, o que ele diz não constitui uma “palavra do evangelho”, ele não dispõe dessa autoridade que faz com

que o que diz seja indiscutível e obtém imediatamente a convicção. Ele admite que deve persuadir, pensar nos argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se por seu estado de espírito.

O autor desse gênero deve, portanto, mostrar seu ponto de vista, apresentando suas opiniões com a intenção de persuadir, e para que o texto alcance esse objetivo, é preciso que haja uma organização das ideias. O produtor deve, então, utilizar recursos argumentativos/coesivos para que i) as informações do texto se conectem umas às outras; ii) sejam introduzidas suas opiniões e, conseqüentemente, haja a persuasão de seu interlocutor.

Sabendo que a partir da produção de um texto serão exigidos do produtor essas estruturas e elementos, o texto de opinião se mostra como importante ferramenta de ensino, pois o aluno ampliará seu conhecimento sobre os diversos recursos que podem ser utilizados na língua, além de poder se socializar e interagir ao expressar suas ideias e opiniões.

3 ANÁLISES E RESULTADOS

3.1 PRIMEIROS RESULTADOS

Ao utilizar os operadores argumentativos, fica claro que com o uso desse recurso o texto cumpre a função de persuasão, sendo assim, os operadores argumentativos se mostram como um relevante recurso para a produção de um texto opinativo, uma vez que eles direcionam os argumentos do produtor.

Em uma primeira análise, observamos a frequência de uso deste recurso. No processo de construção do texto de opinião,⁵ os estudantes utilizaram diferentes operadores argumentativos. Separamos, então, esses operadores em grupos de acordo com a sua função, segundo Koch (2003) e Guimarães (1987), além disso, encontramos outros elementos que não constavam nas funções apresentadas pelos autores citados:

QUADRO 2 – Ocorrência e frequência dos operadores argumentativos

	Operador argumentativo	Total	Frequência	Frequência total do grupo
Grupo 1: Operadores que acrescentam argumentos a algo	Não só... mas (também)	2	0,300%	157 (23,573%)
	Não só... como (também)	1	0,150%	

⁵ Foi pedido aos candidatos que redigissem um texto de opinião sobre o contraste tradição e modernidade, ilustrado pelo fato de mulheres sauditas usarem véu, não poderem dirigir, mas poderem usar redes sociais, como o Facebook, por exemplo.

que se disse antes em favor de uma mesma conclusão, tanto para acentuar elementos de mesma força argumentativa quanto de argumentos de maior importância.	Não só... também	1	0,150%	
	E	42	6,306%	
	E agora	1	0,150%	
	E mais ainda	1	0,150%	
	E mais do que	1	0,150%	
	Também	45	6,756%	
	E também	5	0,750%	
	E ainda	3	0,450%	
	Ainda	29	4,354%	
	Ainda assim	1	0,150%	
	Além (disso, do, da, de)	10	1,501%	
	Tanto... como	3	0,450%	
	Nem	7	1,051%	
	E nem	2	0,300%	
Sequer	2	0,300%		
Nem mesmo	1	0,150%		
Grupo 2: Operadores que articulam argumentos de mesma escala argumentativa e assinalam o argumento mais forte.	Até	10	1,501%	43 (6,456%)
	E até	2	0,300%	
	Até mesmo	12	1,801%	
	Até mesmo porque	1	0,150%	
	E até mesmo	1	0,150%	
	Mesmo assim	2	0,300%	
Grupo 3: Operadores que acrescentam uma conclusão do que foi apresentado e estabelecem uma progressão textual.	Mesmo	15	2,252%	38 (5,705%)
	Portanto	7	1,051%	
	Então	4	0,600%	
	Enfim	2	0,300%	
	Assim	13	1,951%	
	E assim	3	0,450%	
	Com isso	8	1,201%	
Desta forma	1	0,150%		
Grupo 4: Operadores que estabelecem relação de comparação em favor da conclusão.	Mais que (mais do que)	5	0,750%	35 (5,255%)
	Tanto... quanto	2	0,300%	
	Como	19	2,852%	
	Assim como	9	1,351%	
Grupo 5: Operadores que introduzem argumentos alternativos orientados para conclusões diferentes ou opostas.	Ou	24	3,603%	27 (4,054%)
	Seja... seja	1	0,150%	
	Ou ao menos	1	0,150%	
	Ou até mesmo	1	0,150%	
Grupo 6: Operadores que introduzem argumentos em oposição.	Mas	99	14,864%	152 (22,822%)
	Mas também	9	1,351%	
	Mas se	2	0,300%	
	Mas mesmo assim	3	0,450%	
	Mas mesmo	3	0,450%	
	Mas porém	1	0,150%	
	Mas como	3	0,450%	
	Mas porque	1	0,150%	
	Porém	6	0,900%	
	Entretanto	6	0,900%	
	No entanto	6	0,900%	
	Contudo	1	0,150%	
	Embora	1	0,150%	
	Mesmo que	1	0,150%	

	Mesmo que ainda	1	0,150%	
	Em contrapartida	1	0,150%	
	Apesar (de, da, do, disso)	7	1,051%	
	Enquanto	1	0,150%	
Grupo 7: Operadores que acrescentam conteúdos pressupostos.	Já	35	5,112%	37 (5,705%)
	Ainda	2	0,300%	
	Agora	1	0,150%	
Grupo 8: Operadores que orientam para a negação, restrição, exclusão.	Um pouco	5	0,750%	38 (5,705%)
	Quase	4	0,600%	
	Apenas	16	2,402%	
	Só	8	1,201%	
	Só assim	1	0,150%	
	Só porque	2	0,300%	
	Só apenas	1	0,150%	
	Somente	1	0,150%	
Grupo 9: Operadores que marcam condição.	Se	11	1,651%	13 (1,951%)
	E se	2	0,300%	
Grupo 10: Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação do que foi dito antes.	Afinal	3	0,450%	89 (13,363%)
	Pois	43	6,456%	
	Porque	20	3,003%	
	Por isso	2	0,300%	
	Por causa	1	0,150%	
	Por	10	1,501%	
	Já que	2	0,300%	
	Uma vez que	2	0,300%	
	Pois se	1	0,150%	
	Pois também	1	0,150%	
	Pois já	1	0,150%	
	Por mais que	2	0,300%	
	E por isso	1	0,150%	
Grupo 11: Operadores que introduzem esclarecimento.	Ou seja	1	0,150%	3 (0,450%)
	Ou melhor	2	0,300%	
Grupo 12: Operadores que estabelecem relações de especificação e/ou exemplificação	Como exemplo	2	0,300%	33 (4,954%)
	Como por exemplo	6	0,900%	
	Como	25	3,753%	

Fonte: Dados da pesquisa.

O Quadro 2 nos mostra que nos 50 textos de opinião analisados há 666 operadores argumentativos. Isso significa que os alunos utilizaram uma média de 13,32 elementos em cada texto, ou seja, foi possível perceber que os operadores argumentativos são frequentes nos textos dos alunos e que é necessário utilizar esses recursos a fim de orientar o leitor para uma conclusão e, principalmente, persuadi-lo. No que diz respeito à frequência, observamos que:

- a) Em relação aos grupos, os operadores argumentativos mais usados pelos alunos foram os grupos 1 (23,573%) e 6 (22,822%), ou seja, aqueles que acrescentam argumentos a algo que se disse antes em favor de uma mesma conclusão e introduzem argumentos em oposição, respectivamente:

“E hoje com isso mudando, nada mais justo que mudar também todas as leis que impedem a mulher de ir e vir, de trabalhar e não precisar depender do marido. E em muitos países isso já mudou.” (texto nº 6).

“Considero que é essencial que uma civilização conserve as suas tradições e raízes, **mas** à medida que não impossibilite-a de aderir ao meios tecnológicos.” (texto nº 45).

- b) O grupo com menor ocorrência foi o 11; nele estavam os operadores que enfatizam um argumento mais forte em favor de uma conclusão:

“Um exemplo das mudanças sociais é o fato das mulheres usarem véu mas terem acesso a internet. **Ou seja**, o conservadorismo religioso ainda é acentuado, entretanto ele é fortemente ameaçado pelas ideias contemporaneas.” (texto nº 4).

- c) Já em relação ao operador propriamente dito, o mais utilizado foi o *mas*, aparecendo 99 vezes (14,864%) e os menos recorridos foram: *não só... como (também), não só... também, e agora, e mais ainda, e mais do que, ainda assim, nem mesmo, até mesmo porque, e até mesmo, desta forma, seja... seja, ou ao menos, ou até mesmo, mas porém, mas porque, contudo, embora, mesmo que, mesmo que ainda, em contrapartida, enquanto, só assim, só apenas, somente, por causa, pois se, pois também, pois já, e por isso, ou seja*, sendo utilizados apenas 1 vez (0,150%):

“Existem lugares no mundo em que as mulheres não podem mostrar os cabelos, não podem dirigir, **mas** fazem o uso da internet.” (texto nº 7).

“Portanto, pressuponho que seja necessário que as nações orientais, como a Arábia Saudita, possibilite que as mulheres obtenham direitos iguais aos dos homens, a fim de que estes países sejam mais igualitários e justos, não apresentando, **desta forma**, características arcaicas e desiguais.” (texto nº 45).

3.2 ANÁLISE DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS⁶

3.2.1 OCORRÊNCIAS DO *MAS*

Nos textos dos candidatos, encontramos o uso do operador *mas* com uma frequência de 14,864%. De acordo com nossa pesquisa, esse elemento foi o mais utilizado nos textos e possui como principal função introduzir argumentos em oposição. Vejamos alguns exemplos:

⁶ Vale ressaltar que foi preciso delimitar nosso objeto de análise, uma vez que encontramos a necessidade de estabelecer limites diante do *corpus*: nossa pesquisa irá focar neste momento nos operadores que tiveram alta frequência.

- (1) “[as mulheres sauditas] possuem acesso à internet, **mas** não podem dirigir” (texto nº 3).
(2) “Com o tempo as pessoas ficam modernas, **mas** para algumas mulheres seguir a tradição é muito sagrado” (texto nº 7).
(3) “Nesses países também existem Facebook, twitter, **mas** eles tem um diferencial, não se deixam influenciar pelo que é colocado de ruim ali” (texto nº 8)

No exemplo (1), o candidato introduz o argumento “as mulheres sauditas possuem acesso à internet” que pode levar a conclusão de que elas, então, podem realizar diversas atividades como dirigir, por se tratar de ações do cotidiano da mulher moderna. Entretanto, o operador *mas* nos leva para uma conclusão contrária: elas não podem dirigir. Ou seja, coloca que o acesso à internet é um ato de liberdade, sendo assim, as mulheres sauditas poderiam também dirigir, o que na realidade não ocorre.

No exemplo (2), é introduzido o argumento de que com o passar do tempo, as pessoas em geral ficam mais modernas, assim, esperamos que as mulheres também pudessem aderir a essa maneira moderna de se viver. Entretanto, o uso do operador *mas* introduz uma conclusão contrária, ou seja, o fato de existir a modernidade poderia resultar em um pensamento também moderno, o que não ocorre: as mulheres sauditas aceitam o modo de vida imposto pela religião, que é contrário à modernidade.

No exemplo (3), ao introduzir o argumento de que nos países sauditas também existem redes sociais, esperamos que haja uma influência dos usuários que o que é veiculado nesses redes. Contudo, com o uso do *mas*, somos levamos a uma conclusão contrária: nesses países eles não são influenciados.

Como podemos observar, os exemplos mostram que os alunos utilizam o operador argumentativo *mas* para contrapor argumentos orientados para conclusões contrárias, ou seja, “o locutor introduz em seu discurso um *argumento possível* para uma conclusão *R*. Logo em seguida, opõe-lhe um *argumento decisivo* para a conclusão contrária *não-R*” (KOCH, 2003, p. 36, grifos da autora)”. Sendo assim, o elemento *mas* não serve apenas para indicar uma relação de oposição entre sentenças, como colocam a maioria das gramáticas normativas, mas é um operador argumentativo por excelência, como propõe Ducrot (1981).

3.2.2 OCORRÊNCIAS DO *TAMBÉM*

O operador *também* obteve uma frequência média de 6,756%. Sua função, segundo Koch (2003), é acrescentar argumentos a algo que se disse antes em favor de uma mesma

conclusão, tanto para acentuar elementos de mesma força argumentativa quanto de argumentos de maior importância. Tomemos os exemplos a seguir:

(4) “Os jovens devem gostar muito da ideia de terem aparelhos com ferramentas como o internet, por exemplo, que não serve apenas para se conectar, serve **também** para conhecer e criar novos lugares” (texto nº 11).

(5) “Algumas pessoas não acompanham a tecnologia, pois vivem de acordo com a religião. [...] Há **também** aqueles que vivem das duas formas, um exemplo são as jovens da Arábia Saudita” (texto nº 15).

(6) “Não é só as adolescentes que são proibidas de fazer certas coisas, as mulheres mais velhas **também** são impedidas e se fizerem sofrem preconceito das outras pessoas” (texto nº 22).

No exemplo (4), o candidato ressalta o argumento de que a internet serve para “conhecer e criar novos lugares” além da função de se conectar com as pessoas. Ou seja, podemos perceber que o *também* pode, neste caso, não apenas introduzir um argumento de mesma escala argumentativa, mas focalizar uma ideia mais importante, um argumento com maior força argumentativa: é mais importante conhecer e criar novos lugares do que apenas se conectar.

No exemplo (5), o argumento de que existem pessoas que vivem de acordo com a modernidade e a religião é acrescentado ao de que existem pessoas que vivem apenas conforme a religião. Ou seja, são argumentos de mesma escala argumentativa: há tanto pessoas que conciliam modernidade e religião quanto pessoas apenas religiosas.

No exemplo (6), o operador *também* introduz ao primeiro enunciado (“muitas adolescentes sofrem muito com o preconceito”) um argumento mais forte (“as mulheres mais velhas também”). Ou seja, o fato de as mulheres mais velhas sofrerem preconceito reforça o argumento de que existe preconceito contra as mulheres.

Podemos perceber que os alunos utilizam o operador argumentativo *também* para introduzir um argumento de mesma escala argumentativa e também para introduzir um argumento mais forte. Sendo assim, a função do *também* não só inclui ou substitui um termo como trazem as gramáticas tradicionais, mas determina a intensidade do argumento, ou seja, orienta a argumentatividade.

3.2.3 OCORRÊNCIAS DO *POIS*

O operador *pois* em nenhum dos textos analisados cumpriu a função de acrescentar uma conclusão ao que foi apresentado e estabelecer uma progressão textual. Em todos os textos ele introduziu uma justificativa ou explicação do que foi dito antes e foi utilizado em média 6,456%:

(7) “Portanto, ao contrário de muita gente, acho corretíssimo as mulheres sauditas serem adeptas da tecnologia, já que isso aconteceria de qualquer forma, **pois** o mundo atual é altamente tecnológico” (texto nº 11).

(8) “Se as pessoas acreditam e seguem uma religião a forma como vivem deve ser respeitada. Mas acho que se as mulheres podem participar de redes sociais na internet também devem dirigir, **pois** a maneira como se comportam no trânsito não é uma questão de religião e sim de responsabilidade” (texto nº 15).

No exemplo (7), o candidato utilizou o operador *pois* para justificar sua opinião a favor das mulheres sauditas terem acesso à tecnologia: o mundo é moderno e de uma forma ou de outra elas teriam a oportunidade de conhecer novas tecnologias. Ou seja, uma vez que elas teriam esse acesso não há motivos para haver proibições e retrições.

No exemplo (8), o *pois* introduz uma explicação a respeito do uso de redes sociais e sobre o direito das mulheres poderem dirigir. Segundo o candidato, dirigir um automóvel é uma questão de responsabilidade e não de religiosidade. Ou seja, não há relação entre os costumes religiosos e o fato de se dirigir.

Sendo assim, percebemos que o aluno utiliza o operador argumentativo *pois* para explicar o que foi dito, uma vez que conforme Koch (2008, p. 197), ele é um “operador de coordenação responsável pelo encadeamento de um novo segmento discursivo, que consiste num ato de justificação do enunciado anterior”. Sendo assim, o seu uso tem como objetivo tornar mais forte o seu argumento com a finalidade de persuadir seu leitor, ou seja, temos com o seu uso uma estratégia argumentativa.

3.2.4 OCORRÊNCIAS DO *E*

Os candidatos utilizaram o operador argumentativo *e* com média de frequência de 6,306%. Esse elemento, de acordo com nossas pesquisas, possui o papel de acrescentar argumentos a algo que se disse antes em favor de uma mesma conclusão, tanto para acentuar elementos de mesma força argumentativa quanto de argumentos de maior importância. Seguem alguns exemplos:

(9) “Vamos torcer para que um dia acabe com essas privações, e elas possam viver como nós brasileiras” (texto nº 7).

(10) “Não é justo os homens poderem dirigir, trabalhar e participar de redes sociais e as mulheres não poderem fazer isso” (texto nº 10).

No exemplo (9), o candidato utiliza o elemento *e* para introduzir o argumento de que ele possui a esperança de que as mulheres sauditas possam ter direitos iguais aos das mulheres brasileiras, ou seja, além de termos o argumento a favor da eliminação das privações, o candidato acredita ser relevante que as mulheres possam viver como as brasileiras, o que pode ser caracterizado como um argumento de maior força argumentativa.

No exemplo (10), o candidato emprega o operador *e* para acrescentar à afirmativa de que não é justo os homens poderem realizar diversas atividades e as mulheres não poderem fazer isso, ou seja, o argumento principal não é o fato de os homens poderem realizar as atividades, mas as mulheres não poderem realizá-las também.

Como podemos observar, os alunos acionam o operador argumentativo *e* para introduzir argumentos de escala argumentativa maior, o que não exclui a sua outra função de introduzir argumentos de mesma escala argumentativa, ou seja, diferentemente do que pregam as gramáticas normativas, em alguns casos, o *e* não tem apenas a função de ligar dois termos ou orações, não é apenas uma conjunção aditiva, mas é também uma estratégia para persuadir o leitor.

3.2.5 OCORRÊNCIAS DO *JÁ*

O elemento *já* obteve uma frequência média de 5,255%. Esse operador possui o papel de acrescentar conteúdos pressupostos. Além disso, de acordo com Koch (2008), o *já* pode ser utilizado para indicar uma mudança de estado, que foi os casos que encontramos nos exemplos. Vejamos os exemplos:

(11) “Muitas dessas pessoas seguem a tradição a risca, **já** outras são modernas e não se importam com alguns costumes” (texto nº 7).

(12) “Eu acredito que hoje em dia as pessoas **já** possam desfrutar da tecnologia, mesmo vivendo num país como o da Arábia Saudita, que é marcado por suas várias tradições” (texto nº 23).

(13) “os jovens **já** estão cientes de seus direitos e daqui alguns anos vão lutar para que possam ser mais respeitados e possam ter suas próprias escolhas” (texto nº 31).

No exemplo (11), o operador *já* é utilizado para introduzir a ideia de que antes as pessoas seguiam as tradições, mas agora não são muito adeptas aos costumes. Ou seja, ele é utilizado para marcar uma mudança no tempo, além disso, ele é argumentativo, pois o candidato coloca que com as mudanças, a realidade muda, o que confirma sua ideia.

No exemplo (12), o operador *já* é utilizado para mostrar que atualmente as pessoas usam a tecnologia, mesmo morando em um país conservador, o que antes não ocorria. Ou

seja, percebemos o *já* com um valor temporal, além de indicar uma mudança na realidade das pessoas que moram nesses países, ainda, pode se pressupor que antes as pessoas não podiam desfrutar da tecnologia

No exemplo (13), o *já* é utilizado para marcar que hoje em dia os jovens estão cientes de seus direitos, o que não ocorria antes. Ou seja, possui valor temporal, além disso, favorece a tese: os jovens estão evoluindo, isto é, houve uma mudança e, ainda, pressupõe-se que antes não havia essa consciência.

Podemos perceber que os alunos utilizam o operador *já* com o valor temporal e para mostrar mudança de estado, ou seja, percebemos uma função secundária à de acrescentar conteúdos pressupostos. Essa função, conforme Koch (2008, p. 104, grifos da autora), possui o seguinte emprego: “algo que é **x** em **t0** passa a ser **y** em **t1**”.

3.2.6 OCORRÊNCIAS DO *AINDA*

Os candidatos utilizaram o elemento *ainda* em média 4,354%. A função desse operador, segundo Koch (2003), é acrescentar argumentos a algo que se disse antes em favor de uma mesma conclusão, tanto para acentuar elementos de mesma força argumentativa quanto de argumentos de maior importância e também para acrescentar conteúdos pressupostos. Além disso, segundo Koch (2008), tem ainda a função temporal. Seguem alguns exemplos:

(14) “a modernidade já está fazendo uma grande diferença na vida das pessoas que lá vivem. As mulheres sauditas **ainda** recebem um tratamento muito inferior aos homens de lá” (texto nº 10).

(15) “Esta [a internet], além de ter se tornado ferramenta mundial de trabalho pode **ainda** ser utilizada como lazer” (texto nº 17).

(16) “as mulheres não podem sair para trabalhar fora de casa mas podem se conectar à redes sociais [...] Ainda bem que elas foram inteligente e souberam usar isso a seu favor. Infelizmente **ainda** não são todas que estão decididas a mudar a situação do país mas espero que cada vez mais as mulheres sauditas lutem pelos seus direitos” (texto nº 39).

No exemplo (14), o candidato emprega o operador *ainda* como um marcador temporal para afirmar que as mulheres sauditas continuam tendo um tratamento inferior em relação aos homens, mesmo com a modernidade. Conforme Koch (2008), o *ainda* pode ser elemento temporal, ou seja, marca a repetição de um acontecimento, que resulta na continuidade de um estado. Segundo Martelotta (1994, p. 191), o elemento *ainda* em termos temporais “expressa uma idéia de algo que se prolonga no tempo”. Além disso, se pressupunha que com a modernidade, as mulheres tivessem tratamento igual a dos homens, o que não ocorre.

No exemplo (15), o *ainda* possui função de acrescentar um argumento sobre o que se disse: mostrar a importância da internet na vida das pessoas, neste caso o argumento possui mesma força argumentativa.

No exemplo (16), o elemento *ainda* é utilizado para mostrar que são poucas as mulheres que desejam transformar a realidade do país atualmente mesmo com a modernidade, ou seja, ele possui a função temporal, pois não há uma mudança da atitude e há uma continuidade de um estado. Além disso, o “uso do valor temporal deste elemento tende a expressar um posicionamento em relação às expectativas dos interlocutores a respeito dos assuntos que estão sendo falados” (MARTELOTTA, 1994, p. 189), ou seja, se pressupunha uma atitude, mas que não ocorreu.

A partir dos exemplos, percebemos que os candidatos utilizam o *ainda* como um marcador temporal, ou seja, marca a repetição de um acontecimento, que resulta na continuidade de um estado. Além disso, possui uma função secundária: acrescentam conteúdos pressupostos, ou seja, se pressupunha uma mudança, mas não ocorreu. O *ainda* também cumpriu a função de acrescentar um argumento sobre o que se disse com a mesma força argumentativa.

3.2.7 OCORRÊNCIAS DO *COMO*

Os candidatos utilizaram o operador *como* com uma frequência de 3,753%. Esse operador cumpre o papel de estabelecer relações de especificação e/ou exemplificação, além disso, ele estabelece relações de comparação, entretanto, não foram encontradas ocorrências com essa função no *corpus* analisado.

(17) “No Brasil a internet é usada mais para coisas desnecessárias **como** redes de relacionamento” (texto nº 28).

(18) “O que há dez anos atrás não se via, **como** é o caso das mulheres sauditas que são conectadas com o mundo [...] hoje em dia é normal” (texto nº 37).

No exemplo (17), o operador *como* foi empregado para exemplificar o que o candidato considera desnecessário no uso da internet no Brasil: as redes de relacionamento.

No exemplo (18), o candidato empregou o elemento *como* para exemplificar um caso que não se via há muitos anos atrás: as mulheres sauditas são conectadas ao mundo e isto, atualmente, é considerado comum.

Como podemos perceber, os alunos não utilizam o *como* com a função de comparação, o que é também uma estratégia argumentativa visto que, segundo Perelman e Olbrechts-

Tyteca (2002), a comparação possibilita o confronto de um objeto e outro. Eles recorrem a esse operador para exemplificar, ou seja, é também uma estratégia argumentativa para que o leitor possa aderir o seu posicionamento, pois ele lança uma ideia e ainda traz exemplos.

3.2.8 OCORRÊNCIAS DO *OU*

O elemento *ou* foi usado com uma frequência média de 3,603%. Sua função básica é introduzir argumentos alternativos orientados para conclusões diferentes ou opostas. Vejamos os exemplos a seguir:

(19) “O fato de jovens sauditas usarem o véu **ou** seguir seus costumes não interfere na parte de que podem se divertir e fazerem coisas que gostam” (texto 13).

(20) “com a atual globalização há a possibilidade de interação entre essas diferenças que acarreta duas situações: o choque entre as culturas **ou** a adaptação entre elas” (texto nº 46).

(21) “As divergências ocorrem geralmente com a tentativa de um controle social de uma sociedade sobre a outra **ou** quando as tradições do local se apresentam resistente à modernidade apresentada pela outra cultura” (texto nº 46).

No exemplo (19), o operador *ou* foi empregado para detalhar mais o seu argumento: ações como usar véu e seguir costumes não impedem as sauditas de se divertirem. Ou seja, não são argumentos que resultam em conclusões diferentes.

No exemplo (20), o operador *ou* foi utilizado para introduzir argumentos opostos: os resultados da globalização poderão ser divergência ou adaptação entre as culturas.

No exemplo (21), da mesma forma que em (20), o candidato utilizou o *ou* para apresentar argumentos opostos: as divergências ocorrem porque há um controle de uma sociedade sobre outra ou porque os costumes são resistentes às transformações.

Como podemos observar, o *ou* é utilizado pelos alunos tanto para introduzir argumentos que vão em direção opostas quanto para trazer mais um argumento. Neste último caso, ele possui um valor inclusivo: o *ou* “no caso, significa **um ou outro, possivelmente ambos**” (KOCH, 2008, p. 126, grifos da autora), ou seja, pelo menos um argumento será verdadeiro. Assim, as duas formas de utilização são estratégias que o aluno aciona para tentar persuadir seu leitor.

3.2.9 OCORRÊNCIAS DO *PORQUE*

O elemento *porque*, que possui a função de introduzir uma justificativa ou explicação para o que foi dito antes, foi utilizado com uma frequência de 3,003% . Consideremos os exemplos seguintes:

(22) “Podemos ver isso com as mulheres sauditas depois de tantos anos ainda continuam com o costume de usar véu mas isso não é **porque** elas querem mas sim em respeito a sua religião” (texto nº 21).

(23) “Os jovens retratam que esse intercâmbio que vieram fazer aqui é muito importante para eles, **porque** falam que o nosso país junto ao deles serão as potências mundiais” (texto nº 21).

No exemplo (22), o candidato utilizou o *porque* para justificar o fato das mulheres utilizarem o véu se deve ao respeito que elas têm pela religião.

No exemplo (23), o candidato emprega o operador *porque* para explicar a importância dada pelos jovens ao intercâmbio que realizaram no Brasil: a importância é vista na afirmação que de que a Arábia Saudita e o Brasil serão potências mundiais.

De acordo com os exemplos, observamos que os alunos utilizam o operador *porque* para explicar os seus argumentos e, de acordo com Koch (2008, p. 212), é “um operador de coordenação, que induz um ato de justificativa do enunciado anterior”. Com isso, o candidato poderá mostrar com mais clareza a sua opinião e resultar, portanto, na adesão do leitor ao seu posicionamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi investigar a ocorrência de recursos argumentativos nos textos opinativos produzidos por alunos candidatos a uma vaga universitária, buscando assim, adicionar informações e estudos referentes a este gênero. Foram utilizados 50 textos de opinião produzidos no PAAES, processo seletivo da UFU.

De acordo com nossas pesquisas e investigações teóricas, percebemos que o texto de opinião possui aspectos que visam persuadir seu leitor, isto é, ter a adesão do receptor. Verificamos que para alcançar este objetivo, os candidatos a uma vaga universitária utilizam frequentemente os operadores argumentativos (média de 13,32 operadores por texto), que orientam a argumentação do enunciado e os mais utilizados foram *mas, também, pois, e, já, ainda, ou, como, porque* (54,354% do total):

Verificamos também que os operadores argumentativos mais usados pelos alunos foram os grupos 1 (23,573%) e 6 (22,822%), ou seja, aqueles que acrescentam argumentos a algo que se disse antes em favor de uma mesma conclusão e introduzem argumentos em

oposição, respectivamente. Já os menos acionados são foram os do grupo 11; nele estavam os operadores que enfatizam um argumento mais forte em favor de uma conclusão.

Em relação ao operador propriamente dito, observamos que o mais utilizado foi o *mas*, aparecendo 99 vezes (14,864%) e os menos recorridos foram: *não só... como (também), não só... também, e agora, e mais ainda, e mais do que, ainda assim, nem mesmo, até mesmo porque, e até mesmo, desta forma, seja... seja, ou ao menos, ou até mesmo, mas porém, mas porque, contudo, embora, mesmo que, mesmo que ainda, em contrapartida, enquanto, só assim, só apenas, somente, por causa, pois se, pois também, pois já, e por isso, ou seja*, sendo utilizados apenas 1 vez (0,150%)

Diante da pesquisa apresentada, percebemos, então, que os alunos apresentam suas opiniões não somente com a colocação das informações e dos argumentos, mas também com a introdução dos operadores argumentativos, que orientam a argumentação das sentenças. Além disso, com o estudo apresentado, podemos reforçar a característica de persuasão presente no texto de opinião.

REFERÊNCIAS

BALTAR, M. In. GUIMARÃES, A. M. M; MACHADO, A. R; COUTINHO, A. (Orgs). **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

BRÄKLING, K. L. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN**. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000, p. 221-247.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. rev., ampl. e atual conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRONCKART, J. P. Os tipos de discurso. In: **Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Educ, 2003.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DOLZ, J. ; SCHNEUWLY, B. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DUCROT, O. **Provar e dizer**: leis lógicas e leis argumentativas. São Paulo: Global, 1981.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **O texto e a construção de sentidos**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KÖCHE, V. S.; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e produção textual**: Gêneros textuais do argumentar e expor. Petrópolis: Vozes, 2010.

GUIMARÃES, E. **Texto e Argumentação**: um estudo de conjunções do português. Campinas: Pontes, 1987

MARCUSCHI, L. A. Gêneros discursivos: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros discursivos e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo, Contexto, 2006.

MARTELOTTA, M. E. T. **Os Circunstanciadores Temporais e sua Ordenação**: Uma Visão Funcional. Rio de Janeiro, 1991. 229p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

MESQUITA, E. M. C. **As legítimas conjunções coordenativas do português contemporâneo**. 2003. 225f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2003.

_____; BORGES, A. L. Artigo de opinião ou outro gênero? In: **II Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa**, v. 2, n. 2, 2011, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: Edufu, 2011.

OLBRECHTS-TYTECA, L.; PERELMAN, C. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PEREIRA, Cilene da Cunha et al. Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula. In: **Estratégias de leitura**: texto e ensino. PAULIUKONIS,

Maria Aparecida, SANTOS, Leonor Werneck dos Santos (Orgs.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ROJO, R. CORDEIRO, G. S. Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. (e col.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 7-18.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português**. 1991. 330, 124 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

_____. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1997.

Data de recebimento: 15/08/2014

Data de aprovação: 23/10/2014